

Infra-representação: aquelas que correm

Infra representation: those who run

CATARINA MIRANDA

Jornalista

catarinaveigam@gmail.com

Resumo

O encontro do ensaio “A Morte da Mãe” de Maria Isabel Barreno, com o desporto, motor de emancipação de mulheres. Elas estão presentes, mas têm sido invisibilizadas, desencorajadas por outros ou por si mesmas. Essa, tão aparente como real, ausência face à hegemonia masculina, é aqui uma composição entre texto e imagens, registadas com um telemóvel que fotografa o ecrã de TV. Os excertos da escrita e da fala de Maria Isabel Barreno sistematizam não só um estatuto da autora como observadora de futebol, mas, como sugere o título do ensaio de Barreno, reorganizam o sentimento de uma perda familiar.

Palavras-chave

Mulheres | futebol | infra representação | mãe

Abstract

An encounter between Maria Isabel Barreno’s essay “A Morte da Mãe” and sports, an engine of women’s emancipation. Women are present in, but they have been invisibilized, discouraged by others or by themselves. This absence, as apparent as it is real, in the face of a patriarchal hegemony, is presented here as an assemblage of text and images, taken with a cellphone. The excerpts of Maria Isabel Barreno’s writing and speech systematize, not only my status as a football observer, but also, as suggested in Barreno’s essay title, reorganize the loss of a family member.

Keywords

Women | soccer | infra representation | mother



—
Imagem 1
Maria Isabel Barreno na minha tela de edição
© Catarina Veiga Miranda.

1. Tudo isso é discutido como uma questão de Género e não como uma questão Universal

Assisto à entrevista. Observo-a ao pormenor. O seu rosto, as expressões faciais, enchem o monitor, onde edito imagens diariamente. Não é possível ter a entrevistada mais perto de mim. Nada me distrai da voz de Maria Isabel Barreno, uma vez que a ouço com auscultadores. É o som da voz dela que me isola do mundo. Nesta entrevista tinha 72 anos. Tem um tom grave que confere firmeza às palavras, às ideias:

Tendo nascido mulher em sociedade, é óbvio que para refletir sobre si própria, até em termos existenciais, uma pessoa esbarra sempre com o problema da mulher; porque há coisas que uma mulher não pode ser, há comportamentos que uma mulher deve ou não deveria ter. Fundamentalmente, esta é a minha grande contestação. As mulheres, tudo o que seja tentarem ter uma voz própria e discutir os condicionalismos que lhes são impostos, tudo isso é discutido como uma questão de Género e não como uma questão Universal (Barreno RTPensina, 2011).

Descrevo aqui uma impressão. A última frase de Maria Isabel Barreno fica a ecoar: “tudo isso é discutido como uma questão de Género e não como uma questão Universal”. Depois vai-se esbatendo e ouço apenas “universal”. Pretendo pensar a Mulher que se mede por si. A tarefa não é linear. Não é simples isolar a mulher do Género porque a qualquer momento a sua condição pode interrompê-la. Por exemplo, a condição de mulher reprodutiva.

A tarefa que me proponho prevê as intermitências do género. Inferiorizadas pela sociedade e infra representadas em todas as áreas à exceção, talvez, na Maternidade. Mesmo a Mãe, foi e há de ser limitada nessa função. A forma como a mulher sente a culpa, a forma como carrega essa culpa e a forma como, sem o perceber, a vai

transferindo para a semelhante mais próxima, uma filha, que, sem plano ou intenção, é criada e tantas vezes educada à sua imagem. Nada tem o calibre de uma sociedade que dispara a culpa à Mãe, a uma mulher. É culpada pelo mal e pelo bem que deixou de fazer. É culpada no que impõe e no que consente. **A mulher é um ser armadilhado numa condição, por muito que a rejeite.** A exigência da voz e da escrita de Maria Isabel Barreno força-me a radiografar-me. É uma escolha causada pelo impacto que um título tem em mim. Havia inúmeras mulheres na mesa-de-cabeceira da minha mãe. Dificilmente as praticava, observava-o eu como filha. Fixei-me numa das lombadas, *A Morte da Mãe*. Não o fui ler e demorei anos a perceber que não era aquele um livro que me faria lidar com a perda da minha mãe. Era a lombada de um ensaio filosófico que só mais tarde tentei decifrar como sucedeu à própria autora:

Vénus, nascida das águas, sorridente e húmida, era do melhor que se podia encontrar do lado dos rostos femininos. Juntamente com a Virgem Maria, que nunca me atraiu, sempre com aquela garantia de ser a única mulher completamente asséptica, sempre pintada de louro e de azul e com uma expressão expectativa que atingia a estupidez. Só mais tarde tentei decifrá-la (Barreno 1989, 19).

2. A Morte da Mãe

A filósofa e escritora sistematiza aquilo que tantas mulheres sentem como estranheza, insatisfação, raiva ou insuficiência. Se mulheres folhearem *A Morte da Mãe* não vão descobrir a pólvora, mas hão de reconhecer-se numa escrita mais articulada do que as suas próprias inquietações.

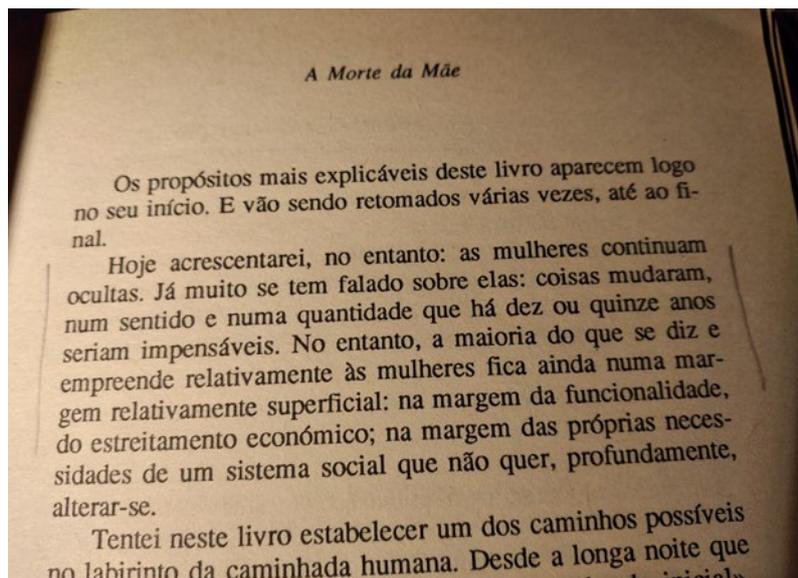


Imagem 1

Página 11 do livro *A Morte da Mãe*, de Maria Isabel Barreno
© CVM

As “coisas mudaram”, diz Maria Isabel Barreno, mas as mulheres permanecem na “margem da funcionalidade, do estreitamento económico” (1989, 11). O ensaio, concluído nos anos 70, continua impressionantemente atual. **Retomo o Infra.** A luta contra a adversidade é diária e as mulheres são exímias em ultrapassar inúmeros obstáculos para que as coisas domésticas, financeiras, laborais, horárias ou sociais, não sejam cometidas de avaria ou, sendo, sejam corrigidas e voltem a funcionar. No cuidado que prestam, no triplo trabalho para conseguirem ter quase o mesmo valor dos homens. Não conseguem porque são e fazem parte de um “sistema social que não quer, profundamente alterar-se” (Barreno 1989, 11), como na passagem que fotografei (imagem 2). E assim ausentam-se, sem escolha, da conquista e do poder. É nestes espaços que as mulheres estão infra representadas.

Recuando a antes do Poder. Ao trazer mulheres para aqui, trago-me também. Não é possível demarcar-me de nada neste processo. Nunca o físico foi tão omitido nas mulheres e numa sociedade onde são reféns da imagem. Mas o físico aqui não será aparência. Será força, destreza, equilíbrio, desporto. Quantas vezes é o exercício físico associado a mulheres? Raramente, num mundo patriarcal. Ainda assim são muitas as que estão presentes em modalidades desportivas e de competição. Poucas vezes estimuladas fisicamente desde a infância, como o são os rapazes. As que tiverem perfil de líderes não são vistas a treinar equipas. Correm muito, mas raramente são vistas a correr. Em *Portrait of a Lady on Fire* (2019), de Céline Sciamma, há uma cena e um diálogo que servem de metáfora. Uma mulher (Héloïse) corre em direção a um penhasco e outra (Marianne) corre atrás dela para tentar impedi-la de se atirar ao mar. As duas travam perto do precipício:

Héloïse: I've dreamt of that for years...

Marianne: Dying?

Héloïse: **Running**¹.

¹ Há anos que sonho com isto. / Morrer? / Correr.



Imagem 3
Frame do filme “Portrait of a
Lady on Fire”. © CVM

Mas, ao longo de *Portrait of Lady on Fire*, o que sobressai é a Arte de desafiar convenções. A ação decorre em finais do século XVIII, quando as mulheres são apenas modelos de pintores e, quando são pintoras, são esquecidas como tal. Porém, o filme inverte ou resolve essa omissão. Marianne é contratada para pintar o retrato de Héloïse. O retrato tem por função cativar um homem para casar. A pintura vem depois da cena de “correr”, o “*Running*”. É na corrida que Marianne começa a conhecer a mulher que vai retratar, que é também ela própria. E só depois a Pintura aparece. Um primeiro retrato cuja imagem surpreende a própria retratada. A mulher com ânsia de correr é Héloïse. Mas será também Marianne. E a mãe de Héloïse. Seremos todas nós.

3. Aquelas que Correm

“*Strong alone, Unstoppable Together*” é um dos slogans com maior visibilidade nos Estados Unidos da América. O Futebol feminino no país é um fenómeno. Raro se compararmos a importância da seleção norte-americana de futebol feminino (USWNT) com o destaque dado a mulheres do resto do mundo na modalidade. As futebolistas norte-americanas são craques, esgotam estádios e são os ídolos, os posters, as *role models* de milhares. Porque se destacam as mulheres norte-americanas neste desporto, o futebol “não-americano”, o *soccer*? Porque, nos EUA, o que arrasta multidões são o basquetebol, o basquete e o futebol americano. O *soccer* é visto como uma modalidade secundária, tornando-se por isso um “Girls’ Sport”. A modalidade começa por ser praticada por raparigas no *campus universitário* em programas de educação física feminina sem, no entanto, haver competição. No início do século XX, médicos norte-americanos recomendavam cuidado com o exercício físico. Kathleen E. McCrone ilumina:

“Durante a infância, as raparigas, ao contrário dos rapazes, eram constantemente lembradas de seu propósito e natureza sexual e da necessidade de conter sua exuberância natural. Aprenderam que a cor facial e a força muscular eram sinais de quem precisava de

trabalhar para viver; que o esforço físico, como correr, pular e escalar, poderiam danificar os seus órgãos reprodutivos e torná-las pouco atraentes para os homens” (1988, 8).

Regresso ao futuro. “Sou admiradora de Tobin Heath ainda antes da craque nascer”: é assim que me apresento nas redes sociais, onde partilho intermitentemente imagens de mulheres a jogar futebol. Ninguém me pediu explicações, ninguém quis fazer-me perguntas. Ninguém notou que admiro uma craque antes de ela nascer. Tobin Heath é uma centrocampista que joga a extremo. Nessa posição, deve coordenar o ataque e a defesa, evitando os avanços das adversárias durante um jogo, mas sobretudo ataca para dar golos a marcar. Em termos simbólicos, revejo-me nessa tarefa de coordenação e de ataque, naquilo que for o meu melhor ou pior momento. Em termos existenciais, Heath é o *role model* que não tive na adolescência e que teria feito a diferença. A mim e a muitas outras mulheres. **Nunca quis ser futebolista e sempre detestei futebol.** Foi nos movimentos de Tobin Heath em campo que me vi.

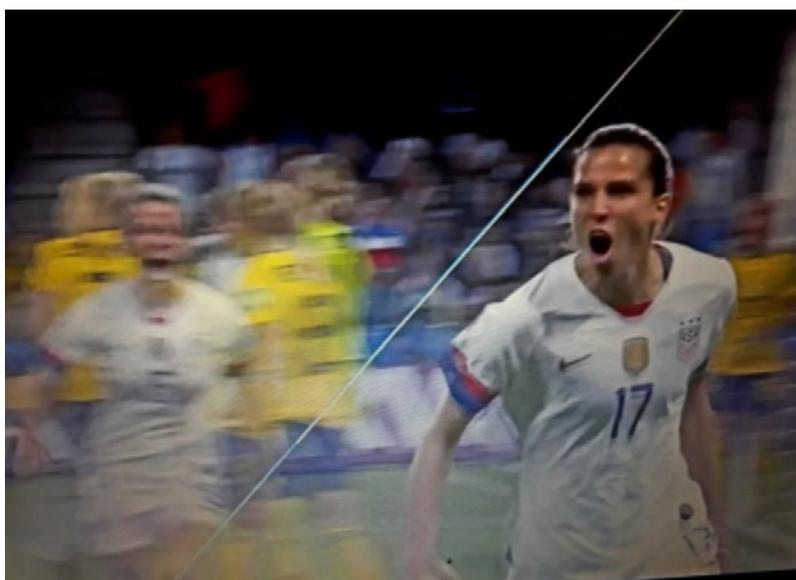


Imagem 4
Tobin Heath no Mundial 2019
em França. © CVM

Sete anos antes do Mundial de França de 2019, percebo então que o que realmente detestava era a modalidade no masculino. Disfarço. **Nunca me senti representada num campo de futebol.** Ver futebol era como olhar para uma parede e distrair-me à mínima irregularidade na textura. O tédio. Uma incapacidade em concentrar-me num objetivo que se refletia ou repetia em várias frentes de vida. Mas, no futebol feminino, onde chego tardiamente, há um exercício e uma movimentação convergente de mulheres difícil de encontrar fora de campo. Fora de campo as relações de confiança entre mulheres estão fragilizadas, porque a corrida até uma meta volta a sofrer a intromissão

do género em injustas desigualdades. Isto, muitas vezes, inquina qualquer competição. **Os homens há muito que chegaram ao desporto e à guerra. Historicamente as mulheres estão atrasadas.**

Imagem 5
Wendie Renard, futebolista francesa. O seu ponto forte é o jogo aéreo © CVM

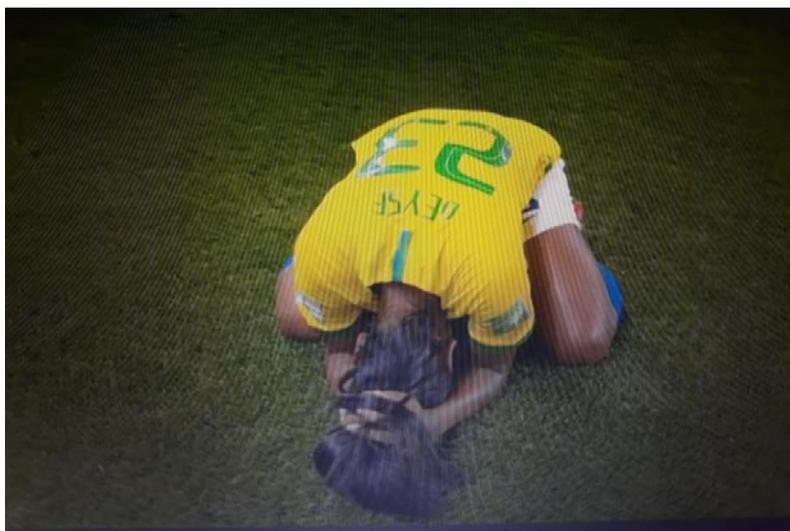


Nos Jogos Olímpicos de Londres de 2012 vejo pela primeira vez em ação a U.S. Women's National Team. As melhores. Trouxe-me outra perspetiva da humanidade e um novo mundo de craques. **A chama da conquista olímpica existe nas mulheres sem que a maior parte delas dê por isso ou nisso insista.**



Imagem 6
Kaeisha (Buchanan). Canadá x Nova Zelândia 2-0. © CVM

Assistir ao Mundial de 2019, em França, foi uma experiência quase nova para mim. Diferente do Mundial 2015, no Canadá, que também segui. Apenas quatro anos entre os dois campeonatos, mas separados por uma distância qualitativa. Nunca um campeonato atingiu a velocidade de 2019. Se, por teima própria de um mundo masculino, se desdenhava a lentidão das mulheres no futebol, essa mania terminou em 2019 ou termina daí em diante.



—
Imagem 7
Geyse Ferreira na derrota do Brasil frente à França no Mundial 2019. © CVM

Em entrevista à publicação online do Sindicato dos Jogadores, Paula Pinho, a treinadora do clube de futebol Albergaria, fala num tipo de contenção, após referir as desigualdades que condicionam as mulheres na modalidade. À pergunta “Parece-lhe natural não existirem mulheres a treinar no masculino, mas haver homens no feminino?”, responde:

a própria mulher, acredito que inconscientemente, se acomoda a essa situação e acaba ela própria por criar resistências que só a prejudicam: ‘não vou tirar o curso de treinadora porque sou a única mulher no meio de tantos homens’, ‘não quero ir treinar equipa masculina porque eles não respeitam e não levam a sério uma mulher como treinadora’. Quantas e quantas vezes já ouvimos ou sabemos que muita gente pensa... ‘aquele gajo está a treinar mulheres porque não arranja nenhuma equipa masculina que o queira’. (Sindicato dos Jogadores, 5 de junho de 2019).



Imagem 8
Primeiro derby em 2019,
Benfica-Sporting.
© CVM

A minha ambição, aqui, não é fazer do texto uma argumentação irrefutável para algo que se exige coletivo. **O texto é tão somente o lançamento da Imagem:** ver mulheres a vibrarem consigo mesmas e umas com as outras. Mostrá-las com prazer e empenho numa das muitas áreas em que estão infra representadas.

4. Correndo: um método

Uso mil palavras para lançar imagens. É necessário esclarecê-las na sua subjetividade. Trata-se de fotografias disparadas de um smartphone no momento, raro e emotivo, de assistir, na televisão, a um jogo de futebol entre mulheres. A imagem surge do acaso, arrastada ou desfocada, mas contém elevada subjetividade nos efeitos aplicados: aumento ou diminuição de contraste, recortada ou focada em determinado detalhe. A guarda-redes do Chile, uma das melhores jogadoras do Mundial 2019. Christiane Endler vista de costas com raios que saem da t-shirt amarela como se fosse um sol Universal. De novo a palavra Universal. “*Focal Zoom*” é um efeito especial que lhe aplico porque é esse o “efeito próximo” de ver uma mulher expressar força e equilíbrio na conquista de espaço para si e para várias mulheres, a sua equipa e todas aquelas que nela se projetam, se inspiram e se reveem. O efeito sobre a fotografia traz subjetividade, mas não deve aqui contradizer a própria fotografia.



—
Imagem 9
Christiane Endler, guarda-redes
do Chile, no Mundial 2019
© CVM



—
Imagem 10
Tobin Heath, Mundial 2019
© CVM

Na juventude faltou-me vibrar e sentir alegria no futebol de mulheres como Nós. As múltiplas velocidades da minha Corrida são uma ânsia de emancipação do que oprime. **Quando vejo mulheres unidas numa equipa, é quando sinto que não estou só.** Não por serem muitas mulheres juntas, mas por ser uma equipa com funções, responsabilidade e poder. Trata-se, por fim, da mesma ânsia em correr que vi na minha mãe. A ânsia que me inspirou, que me quis libertar e que, ao mesmo tempo, oprimiu. A ânsia oprimiu, não a mãe. Quase a vejo sem intermitências de género. Admito, porém, tratar-se de uma miragem. Acusar-me-ia ela de estar eu a mimetizar homens com esta “tara recente” das mulheres no futebol? Não, não o faria. Vibrava, também, quando víamos juntas outras modalidades olímpicas. Implícita e explicitamente, soubemos sempre que fora do Género, seríamos todos feitos do mesmo. O Desporto sucedeu-lhes a eles primeiro. A guerra também. As raras mulheres e as mulheres excecionais contam pouco na estatística quando não são invisibilizadas ou alvo de pontaria patriarcal. Insuficientes para a vontade de uma sociedade em “querer profundamente alterar-se”.

Regresso, pois, à Mãe. À minha mãe. Ela foi a “rapariga em chamas”; é um dos retratos que guardo dela. Tal como foi exímia em *conter* o ímpeto. Estou a falar da mesma pessoa que estraçalhou o livro *A Morte da Mãe*, de tanto o manusear. “Até à náusea”, diria ela.

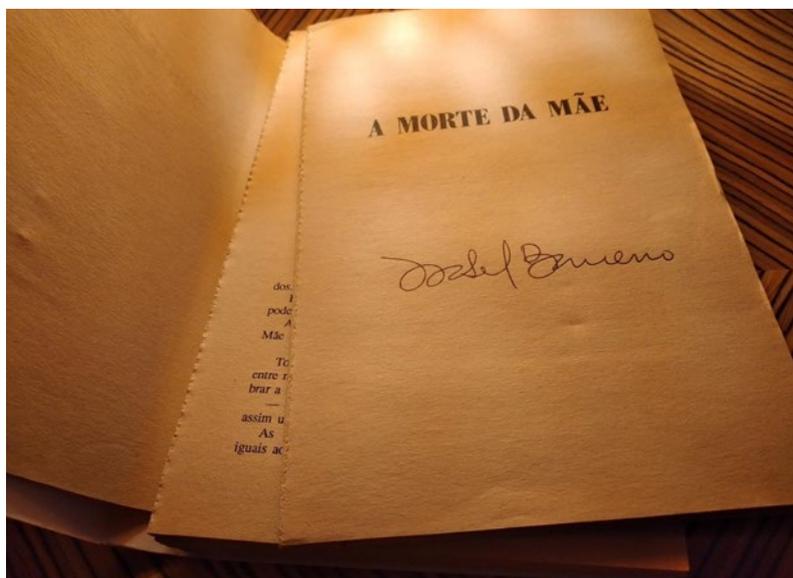


Imagem 1.1
O livro da minha mãe
© CVM

5. Reorganizar o sentimento

Maria Isabel Barreno terminou o seu ensaio em 1977. Haverá um tempo para decifrar o que sempre ouvimos dizer. A ensaísta demorou oito anos a deslindar mitos e lugares-comuns sobre mulheres para conseguir sistematizar, em *A Morte da Mãe*, a condição que as secundariza.

Já disse um sábio importante que podemos calcular o universo em expansão, e também em contração: conforme nossos dias de otimismo e pessimismo. Mas se as mulheres não acodem, a humanidade derreter-se-á sobre essa onda de dor, de dor consentida, de masoquismo; em nome do filho, sempre morto pelo pai ciumento (Barreno 1989, 367).

A minha mãe morreu há cinco anos e só vou entendendo agora tanto do que nos foi rotina. É um processo demorado. Explicá-lo pode soar ao relato de um sonho com uma lógica construída, mas libertadora. Folhee pela primeira vez o ensaio de Barreno depois da minha mãe morrer. Fui confirmando que ela, antes de dormir, ao tentar desligar-se de um dia de trabalho, fora e dentro de casa, desejava alhear-se na leitura, mas também exigia perceber o que a prendia e o que a cansava tão mais do que ao marido, ao filho, e a mim, sua filha. Verbalizava-o entre nós e por vezes contra nós. Era assertiva no seu discurso. Era uma autoridade a dissertar sobre cansaço tal como o era na velocidade com que nos conduzia de automóvel. Era ela quem nos conduzia, aos quatro. O grau desse cansaço era o que nos diferenciava. A velocidade também. Veloz a pensar, a agir e a conduzir-nos. Habituei-me a associar futebol a uma divisão familiar: “eles gostam e nós não”. Tomei as dores da minha mãe no que ela sentia como exclusão num “mundo masculino”. O futebol era o maior pretexto para os seus monólogos sobre mulheres e homens no trabalho, na rua e em casa. Eu ia reconhecendo parte do que ela dizia. Passou a haver por parte

de ambas, uma alergia ativista perante o futebol, ainda que ninguém em casa nos fizesse sentir a mais. Diferente de quando todos vibrávamos com os Jogos Olímpicos. Inesperadamente, nos de Londres, emocionei-me numa final de futebol entre mulheres. As norte-americanas venciam as japonesas por 2-1 e sagravam-se campeãs olímpicas. Um despertar violento para um prazer e para uma festa que desconhecia.

Não tive tempo de o transmitir à minha mãe. A doença de alzheimer tirou o propósito às nossas pequenas coisas e conversas: uma espécie de luto familiar em vida. Não lhe pude contar que a nossa “zanga de estimação” com o futebol podia chegar ao fim; havia agora uma forte representação feminina em campo num dos últimos bastiões masculinos. **Aquelas que Correm. Mulheres como nós.**

Bibliografia

“A Paixão de Paula Pinho” (entrevista não assinada), Publicação do Sindicato dos Jogadores (5 de junho de 2019).

Barreno, Maria Isabel. 1989. *A Morte da Mãe*. Lisboa: Caminho.

McCrone, Kathleen E. 1988. *Playing the Game: Sport and the Physical Emancipation of English Women, 1870-1914*. Lexington, KY: The University Press of Kentucky.

Nota biográfica

Jornalista, cujo principal foco é a imagem em movimento (televisão) e com uma paixão por fotojornalismo e fotografia. Começou a trabalhar como jornalista em 1993 na SIC onde fez informação diária e informação não diária. Atualmente é jornalista na RTP, onde está há 24 anos e reporta e relata a situação atual dos 54 países do continente africano numa lógica regional: a dinâmica política, social, económica e cultural desses países já depois das independências, os processos de democratização, as eleições e as transições de poder muitas vezes em cenários de conflito ou de graves crises de saúde pública. Com igual importância, noticia as ligações, os laços diplomáticos e a cooperação entre países africanos e o resto do mundo.

ORCID iD

[0000-0002-4564-5457](https://orcid.org/0000-0002-4564-5457)

Morada institucional

Rádio e Televisão de Portugal, S.A.
Avenida Marechal Gomes da Costa, n.º 37
1849-030 Lisboa.

Recebido Received: 2021-03-31**Aceite** Accepted: 2021-04-20

DOI <https://doi.org/10.34619/pj5q-f0og>